UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

PATRÍCIA DA SILVA

O COMPARTILHAMENTO DA MATERNAGEM DE CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS ENTRE PAIS E PROFESSORES EM UMA ASSOCIAÇÃO PEDAGÓGICA

Palhoça

2013

PATRÍCIA DA SILVA

O COMPARTILHAMENTO DA MATERNAGEM DE CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS ENTRE PAIS E PROFESSORES EM UMA ASSOCIAÇÃO PEDAGÓGICA

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Psicologia, da Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul, como requisito parcial para obtenção do título de Psicóloga.

Orientadora: Ana Maria Pereira Lopes, Dra.

Palhoça

2013

PATRÍCIA DA SILVA

O COMPARTILHAMENTO DA MATERNAGEM DE CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS ENTRE PAIS E PROFESSORES EM UMA ASSOCIAÇÃO PEDAGÓGICA

Orientadora Ana Maria Pereira Lopes, Dra.

Universidade do Sul de Santa Catarina

Maria Angela Giordani Machado. Msc.

Universidade do Sul de Santa Catarina

Simone Vieira de Souza. Dra.

Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 4

2 MÉTODO 14

3APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS 16

3.1PAIS E PROFESSORES ATENDENDO AS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS 16

3.2 PAIS E PROFESSORES OFERECENDO ESTÍMULOS, AFETO E LIMITES 20

3.3 PAIS E PROFESSORES ESTABELECENDO PARCERIA ATRAVÉS DO DIÁLOGO E DO VÍNCULO 26

4 Considerações finais 34

REFERÊNCIAS 37

APÊNDICES 42

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido 42

APÊNDICE B –Termo de consentimento para gravações 44

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista 45

Apêndice D – Quadros de categorias e subcategorias 46

Resumo: Nesse início do século XXI, o cuidado e a educação das crianças pequenas tem sido uma tarefa de corresponsabilidade das famílias e das instituições de educação infantil. Diante disso, a presente pesquisa tem o objetivo de caracterizar como tem acontecido o compartilhamento da maternagem de crianças de zero a três anos, entre pais e professores numa associação de caráter educativo e de ensino da grande Florianópolis. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sendo a coleta de dados realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas com três professores e três pais das crianças. Como resultado pode-se constatar que pais e professores cotidianamente identificam e atendem as necessidades das crianças correspondentes ao que seja maternagem, através do diálogo entre eles, diálogo com as crianças, observação atenta, convívio afetivo, solicitação da criança e intensidade e sentido do choro, eles identificam e atendem as crianças em suas necessidades físicas, cognitivas, afetivas e de interação social. Também se evidenciou que, tanto os professores como os pais compreendem que atender tais necessidades é fundamental para o desenvolvimento das crianças e para sua constituição psíquica. Em relação à comunicação foi possível constatar que, pais e professores tem procurado construir uma relação de diálogo e troca sobre o cotidiano e o desenvolvimento das crianças. Ambos reconhecem que é necessário ter o canal comunicacional aberto, assim como, o estabelecimento de vínculos afetivos entre crianças e adultos, e entre professores e pais, para que possam realizar parceria no projeto comum, de educar e cuidar das crianças pequenas. Os professores apontaram também a necessidade de, ao cuidar e educar as crianças pequenas, haver clareza das diferenciações nos papéis de cada grupo na vida e na aprendizagem e desenvolvimento da criança. Ainda, em relação ao vínculo, pais e professores concordam que a relação entre eles deve se basear no diálogo, troca, respeito e confiança, mas que esta não está pronta, precisa ser construída no dia-a-dia, na instituição como caminho para que o compartilhamento da maternagem das crianças entre eles de fato aconteça.

Palavras-chave: Maternagem. Compartilhamento. Cuidado. Educação infantil.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Badinter (1985), Rosseau, no século XVIII, foi o precursor de uma corrente de pensamento, que junto com moralistas, médicos e administradores desejavam convencer as mulheres a cuidarem dos seus filhos. O objetivo era acabar com os altos índices de mortalidade infantil, visando à sobrevivência das crianças. Percebe-se que havia um processo de constituição da assunção do papel materno, e que este não estava tão acabado como se imaginava. Foi "preciso apelar ao seu senso do dever, culpá-la e até ameaçá-la para reconduzi-la à sua função nutritícia e maternante, dita natural e espontânea." (BADINTER, 1985, p. 144).

As mulheres que não se enquadravam nesse papel primordial de mãe cuidadora começaram a sofrer discriminações da sociedade ou a serem enquadradas nas patologias.

(COSTA, 2004; MARTINS, 2007). Contrapondo essa ideia patologicista, Badinter (1985, p. 22 - 23) afirma que:

> O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada.

Foi somente a partir do século XVIII que os conceitos de infância e maternidade surgiram. Nesse período iniciou-se o processo de valorizar tanto a criança como o papel da mãe cuidadora. A família passa a caracterizar-se por sentimentos de ternura e intimidade ligando pais e filhos. Inicia-se o processo de exaltar o amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade, incentivando a mulher a assumir diretamente os cuidados com a prole. Pode-se dizer que nesse período muitos autores vinham listando os deveres da boa mãe, mas foi só em 1762 com a publicação de Émile de Rousseau que se dá um verdadeiro impulso à família moderna, fundada no amor materno. (BADINTER, 1985).

A autora também afirma que, apesar de no século XIX a mulher ser convocada a assumir a função de mãe cuidadora, nem todas as mulheres o fizeram. O sistema de amas-de-leite ainda prosperou até o final desse século. A mortalidade infantil ainda tinha índices alarmantes, a cada 25 mil crianças entregues às amas 20 mil morriam por falta de cuidado e vigilância. Com a família burguesa a ama a domicílio passou a ser a babá, a "segunda mãe". Essa figura passou ser a personagem central e logo adquire autoridade sobre a mãe. Depois disso, o aleitamento artificial, sob a forma de mamadeira de leite de vaca vai então substituir a "amamentação mercenária". (BADINTER, 1985, p. 234).

Foi justamente a valorização excessiva da maternidade que produziu um posicionamento das mulheres contra a ideologia burguesa e a dominação masculina. Essa situação levou a uma série de reivindicações femininas, produzindo as condições necessárias ao ingresso da mulher no campo do trabalho, surgindo um novo lugar e novos papéis para a mulher. (KAMERS, 2004).

Na contemporaneidade, como um tipo de apoio à valorização da maternidade, a criança e seu desenvolvimento passaram a ser alvo de interesse para inúmeras ciências como: Filosofia, Sociologia, Pedagogia, Psicologia, Medicina, entre outras. Algumas contribuições

importantes referentes a esses temas e ao presente objeto dessa pesquisa são descritas pelos psicanalistas Melanie Klein e Donald Woods Winnicott, que abordam a relação mãe-bebê e a importância da maternagem para o desenvolvimento psíquico da criança.

Segundo Winnicott (2006), o bebê é um ser humano imaturo que tem um potencial inato para se desenvolver e se unificar que é herdado, e se atualiza nos processos de maturação. Mas, como ao nascer o bebê é totalmente dependente, ele só pode começar a "ser" pelo cuidado materno. Dessa forma, a mãe ou um substituto[1], através da maternagem vai permitir ou entravar o desenrolar desse processo. Foi Melanie Klein (1991), que primeiramente atentou para esse importante interjogo entre os fatores inatos e as influências do ambiente no desenvolvimento da criança pequena, lançando bases para o pensamento de importantes psicanalistas como Winnicott ampliarem a compreensão sobre a criança.

Para Klein (1991) ao amar, alimentar e cuidar da criança a mãe passa a ser introjetada, assimilada ao mundo interno dela como um objeto bom, o bebê que estava dentro da mãe tem a mãe agora dentro de si. Assim, a criança percebe que pode depender e confiar nela, o que contribui para o fortalecimento do seu ego. Para Klein (1991), a introjeção é fundamental no desenvolvimento da criança, na medida em que, ao se identificar com as características boas da mãe, se estrutura a base para as identificações benéficas posteriores com o pai e com outras “figuras amistosas”. Ter objetos e sentimentos bons no mundo interno do bebê contribui para que a personalidade se desenvolva de uma forma estável, podendo estender a outras pessoas sentimentos amigáveis. Se a capacidade de amar é desenvolvida no bebê ele sente satisfação, o que significa que foi compreendido e atendido em suas necessidades pelos seus cuidadores, sendo essa relação a base para que o bebê tenha gratidão, possa amar, ter satisfação e prazer em outras relações na vida futura.

Além da introjeção, Klein (1991) afirma que a projeção também são atividades que atuam simultaneamente no ego desde o nascimento. A projeção diz respeito ao processo de colocar no outro parte de si mesmo. É a capacidade da criança e dos adultos atribuírem sentimentos como amor e ódio a outras pessoas. Esse duplo processo contribui para a interação entre fatores externos e internos, e se for bem equilibrado o mundo interno é enriquecido e melhora a relações com o mundo externo.

[1] O presente trabalho entende que a função de maternagem tem seu nome assim designado pela construção social do papel da mulher tal como problematizado por Badinter (1985). Contudo, entende-se que tal função pode ser feita por qualquer adulto com disposição para os cuidados integrais da criança pequena. A partir daqui a alusão à mãe como cuidadora deve ser assim entendida, ainda que se mantenha a designação original utilizada por Winnicott.

Para Klein (1991), nesses primeiros tempos de vida, tanto o que é bom, quanto o que é mal, é interpretado pelo bebê como vindo da mãe, o seio bom e o seio mau, o que leva a uma dupla atitude em relação a ela. Dessa forma o ego infantil tende a cindir impulsos e objetos, ou seja, separa o objeto de amor do objeto perigoso, e o que faz parte da sua autopreservação porque o bebê precisa confiar no seu cuidador. Essa primeira fase a autora chamou de esquizo-paranóide, em que o bebê vive ansiedades, desconfortos físicos, voracidade, impulsos destrutivos - ressentimento frente a uma frustração- assim como o mecanismo de cisão. Na medida em que ocorre o desenvolvimento normal, o ego se integra, as cisões diminuem, a criança consegue integrar os aspectos bons e maus dos objetos, e começa a temer que o seu impulso destrutivo e sua voracidade destrua o objeto amado. A autora acredita que isso acontece por volta dos seis meses, quando o bebê entra na fase denominada por ela de posição depressiva, e então surgem os sentimentos de culpa e a necessidade de reparação.

Winnicott (2006) ao considerar igualmente que a saúde mental do indivíduo é determinada pelo cuidado da maternagem trabalhou ao longo de sua vida articulando os conhecimentos da psicanálise à pediatria. Para ele, saúde do ponto de vista psíquico significa ausência de psicose, e um psiquismo com instrumentos que permitam ao sujeito uma relação com sua realidade. O autor chama a atenção para o fato de que os bebês humanos não podem ser deixados a sós por muito tempo, senão passarão por experiências angustiantes que podem ser descritas como:

> ser feito em pedaços
> cair para sempre
> morrer e morrer e morrer
> perder todos os vestígios de esperança de renovação de contatos.[2]
> (WINNICOTT, 2006, p. 76).

Winnicott (2006) afirma que os sentimentos de aniquilamento como esse de cair para sempre, podem ser evitado através dos cuidados que os bebês recebem de suas mães ou de outro cuidador adulto que realize esse papel. Caso o bebê tenha uma mãe incapaz de sentir e satisfazer as suas necessidades, ele renuncia à esperança de vê-las satisfeitas. E desenvolve uma personalidade organizada de uma forma patológica baseado num falso eu, e experimenta um sentimento de irrealidade a respeito de si, dos outros e do mundo.

[2] Foi preservada a formatação de texto poética utilizada pelo autor na sua obra original.

A maioria dos bebês passa por esse estágio inicial sem ter essas experiências, isso porque a sua dependência é reconhecida e as suas necessidades básicas satisfeitas pelo seu cuidador. As mães se identificam com os bebês e oferecem o ambiente favorável para que as tendências hereditárias de crescimento dos bebês possam se desenvolver. “O apoio do ego materno facilita a organização do ego do bebê. Com o tempo, o bebê torna-se capaz de afirmar sua própria individualidade, e até mesmo de experimentar um sentimento de identidade pessoal”. (WINNICOTT, 2006, p. 9). Uma vez com as experiências de satisfação são somadas, o bebê vai adquirindo confiança no mundo e nas pessoas. Esta é para Winnicott (2007) a mãe suficientemente boa: aquela que se identifica com seu bebê, e que se adapta às suas necessidades, modificando sua atitude de acordo com as fases em que a criança se encontra.

Winnicott (2006), em seu trabalho intitulado “Os bebês e suas mães”, afirma que o bebê humano tem as necessidades do corpo, alimentação, aquecimento, higiene, conforto - e necessidade de contato humano. Tem o desejo de ouvir o coração da mãe (ou do adulto que cuida dela), sentir o seu cheiro, ser segurado. A primeira fase do lactente que corresponde do nascimento aos seis meses, o autor chama de dependência absoluta. Para o bebê ele e o meio são uma coisa só, ele e a mãe formam uma unidade. E como ele ainda não sabe se expressar, nessa fase o cuidado é baseado na empatia materna. A segunda fase, que vai dos seis meses à dois anos, ele chama de dependência relativa, o lactente percebe-se separado da mãe, e realiza uma união entre o seu corpo e sua vida psíquica. Agora o bebê tem capacidade de emitir sinais em relação as suas necessidades. Assim, interagindo com o ambiente e amparado pelo apoio materno o desenvolvimento do lactente se dá numa trajetória rumo à independência.

Diante das considerações de Klein e Winnicott, percebe-se o quanto o espaço familiar é importante a todo ser humano, tendo em vista nesse espaço ocorrer grande parte das ações de cuidado, ou mesmo o desenvolvimento de um projeto de articulações para que o cuidado ocorra, seja na família, ou em outros espaços a ela vinculados, como pode ser uma instituição de educação infantil. A família é a matriz de identidade pessoal e social, nela se desenvolve o sentimento de pertencimento, onde, ao nascer, a criança recebe um nome, sobrenome e um lugar na família. Na relação com os familiares e o mundo social, a criança vai se constituindo enquanto sujeito e também se diferenciando. (MINUCHIN 1976 apud MACEDO, 1994, p. 63). Contudo, pode-se observar que esse espaço é uma construção histórica com diferentes configurações ao longo da história.

Segundo Roudinesco (2003), a família ocidental foi durante séculos baseada no poder patriarcal, nela à mulher e aos filhos só cabia a obediência e a submissão. Foi no século

XVIII que esse modelo foi desafiado pela irrupção do feminino. Nessa época, com o advento da burguesia, ocorreram mudanças na sociedade, e a mulher, pela primeira vez, recebeu na família um lugar central, o da maternidade.

Já no século XX, através do feminismo, que era a luta em favor da igualdade dos direitos para os dois sexos, caminhou-se em direção ao processo de emancipação das mulheres. Surgiram então tantas outras possibilidades, outros projetos, e a mulher pode pensar em exercer algum outro papel na vida que não fosse o de mãe e esposa. Também com os avanços da medicina, a mulher passou a ter o controle da fecundação, isso possibilitou a ela que escolhesse quando, ou ainda se queria ser mãe, isso foi fundamental para que a mulher passasse a ter total autonomia sobre o seu corpo e a sua vida. (ROUDINESCO, 2003).

Na sociedade ocidental, esses fatores juntamente com o aleitamento artificial contribuíram para o surgimento de instituições que passariam a dividir com as famílias a responsabilidade do cuidado das crianças, as creches. Didonet (2001) afirma que a origem das creches baseou-se principalmente no trinômio: mulher-trabalho-criança. Com a Revolução Industrial, no século XVIII, na Europa, passou-se a utilizar-se da mão-de-obra feminina, provocando uma importante alteração na forma de cuidar e educar as crianças. Os homens e as crianças mais velhas também trabalhavam nas indústrias têxteis, não tinha então, quem cuidasse das crianças menores. Os altos índices de mortalidade infantil, desnutrição, acidentes domésticos passaram a chamar a atenção e despertar sentimentos de piedade e solidariedade de religiosos, empresários e educadores.

Foi diante desse quadro que foram criadas as instituições de educação infantil tanto na Europa como no Brasil, para atender as populações pobres, como um mecanismo de compensação social diante dos efeitos perversos do capitalismo. Surgem como um espaço de assistência, onde as crianças ficariam, enquanto as mães trabalhassem e receberiam aquilo que suas mães por sua condição social não poderiam lhe dar. “Alimentação, cuidados de higiene e algum espaço para brincadeiras eram – e, pode-se dizer, ainda o são – oferecidos como caridade das instituições e dos adultos que assumem, no dia-a-dia, o cuidado das crianças.” (TIRIBA, 2001, p. 72).

Em meados do século XX, no Brasil, surgiram as creches em meio a esse cenário de discussão sobre a responsabilidade pelas crianças. Elas surgiram como um direito da mulher trabalhadora, e sua função era a guarda e garantia dos cuidados básicos relacionados às necessidades de higiene, alimentação, educação assistencial, e controle da mortalidade infantil. (HADADD, 1989; GUEIS, 1994; CARVALHO, 2001; BAPTISTA, 2002 apud KAMERS).

Segundo Kuhlmann Jr. (2000), no Brasil, em 1979, ocorreu o Movimento de Luta por Creches, a luta pela pré-escola pública, democrática e popular que foi aliada a uma luta mais ampla da sociedade civil buscando uma transformação política e social. As ideias socialistas e feministas redirecionavam a questão das creches existirem para atender as crianças pobres, para se pensar a educação das criança em creches, como uma forma de se garantir às mães o direito ao trabalho, o que leva também a classe média a procurar instituições educacionais para seus filhos.

Segundo Ramos (2009), a maternidade é considerada um fenômeno importante para a mulher, assim como o trabalho. Contudo, nem sempre é fácil à mulher conciliar a carreira profissional com a maternidade, por essas duas funções demandarem tempo e disponibilidade, e ambas serem permeadas por muita expectativa social. Há ainda crenças que precisam ser superadas, sobre cuidados com os filhos e afazeres domésticos, tidas como atribuições exclusivamente femininas. E o acúmulo de papéis pode custar à mulher bastante sofrimento psíquico. Dessa forma, essa pesquisa inscreve-se na problematização do compartilhamento da tarefa da maternagem com a instituição de educação infantil, mas também entre os pais, já que:

> certos indícios parecem anunciar que uma outra revolução familiar começou. Dois séculos depois do rousseaunismo,[3] o projeto desloca-se de novo para o lado do pai, não para devolver a mãe à obscuridade, mas para melhor iluminar, pela primeira vez em nossa história, o pai e a mãe ao mesmo tempo. (BADINTER, 1985, p. 239).

Nesse início de século XXI, com o processo crescente de industrialização e urbanização, onde homem e mulher estão no mercado de trabalho, ambos precisam se responsabilizar pelo cuidado e educação dos filhos. A instituição de educação infantil aparece como um espaço de educação coletiva, cuja relevância social não é possível ignorar. Cada vez mais ela tem compartilhado com a família esta responsabilidade de cuidar e educar as crianças, inserindo-as no universo da cultura. (BATISTA, 1998).

Além de se ampliar o olhar para colocar homem e mulher como responsáveis pelas crianças, Fonseca (2005) enfatiza a necessidade também de se ampliar a percepção em relação à família, já que há um vasto leque de possibilidades. Por isso, falar de dinâmicas e relações familiares parece ser mais adequado do que falar de um modelo único de família ou

[3] Jean Jacques Rousseau escreveu o "Emílio"ou "Da Educação", em 1762. Representante da tradição iluminista Rousseau com essa obra filosófica-pedagógica, modificou a forma de pensar a criança e a infância nos tempos modernos.

unidade familiar. Dessa forma, define-se laço familiar como uma relação estreita e duradoura entre pessoas que reconhecem entre si direitos e obrigações mútuas. Essa relação pode ter origem em fatos alheios à vontade da pessoa (laços biológicos, territoriais), em alianças conscientes e desejadas (casamento, compadrio, adoção) ou em atividades realizadas em comum na comunidade.

Isso vai ao encontro ao que Carter e Mcgoldrick (1995, p. 15) afirmam sobre a necessidade da mudança de paradigma do conceito de família:

> Chegou a hora dos profissionais desistirem do apego aos antigos ideais e colocarem uma moldura conceitual mais positiva em volta daquilo que existe: casamentos com dois salários; estruturas domésticas permanentes de "progenitor solteiro"; casais não casados e casais recasados; adoções por progenitores solteiros; e mulheres sozinhas de todas as idades. Já é hora de parar de pensar em crises transicionais como traumas permanentes, de tirar de nosso vocabulário palavras e frases que nos vinculam às normas e preconceitos do passado: filhos do divórcio, filho ilegítimo, lares sem pai, mãe que trabalha e assim por diante.

A partir disso, é possível concluir que são inúmeras as possibilidades existentes de famílias, e que todas têm o direito de buscar o seu bem estar e sua felicidade, podendo ainda escolher terem ou não filhos. Já em relação à criança, a Constituição Brasileira de 1988 afirma que ela é um sujeito de direitos. Nessa concepção de criança, ela deixa de ser filha de cidadãos para ser uma cidadã, com direito à educação infantil, sendo dever do Estado oferecer o atendimento e uma opção à família. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 29, afirma que a Educação Infantil: "tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, *complementando a ação da família e da comunidade*". (TIRIBA, 2001).

A instituição de educação infantil, nesse quadro de direitos é um importante espaço de rede de apoio, que divide essa responsabilidade com as famílias, diminuindo dessa forma a sobrecarga e o estresse dos pais, assim como possibilitando que ambos possam trabalhar. Além disso, a creche oferece à criança um espaço organizado e pensado para o seu desenvolvimento e para ela estar com os seus pares. Nesse sentido, faz-se importante dialogar com pais e instituição de educação infantil, para conhecer como vem se dando a parceria no cuidado e educação das crianças.

É visto que o cuidado e educação das crianças pequenas, na maior parte das famílias passam a não ser mais exercida somente pelas mães. A educação e o cuidado das crianças pequenas passam a ser de co-responsabilidade das famílias e das instituições educativas. Por

isso, segundo Tiriba (2001), é necessário construir uma parceria entre os sujeitos, pais e professores, que atuam de forma diferenciada frente ao desafio de cuidar e educar as crianças pequenas. Nessa perspectiva, as famílias deixam de ser vistas pela instituição como clientela e passam a ser vistas como parceiras nesse projeto que é comum. Portanto, chega-se a pergunta deste trabalho: **como pais e professores compartilham a tarefa da maternagem das crianças de zero a três anos?**

Essa pesquisa tem o objetivo de caracterizar como pais e professores compartilham a maternagem de crianças de zero a três anos em uma instituição de educação infantil da grande Florianópolis. Tal caracterização se dava por meio de identificar como os pais e professores percebem a importância da maternagem na constituição psíquica das crianças; como pais e professores conseguem atender as necessidades de maternagem das crianças; como pais e professores se comunicam sobre o cotidiano das crianças; como tem sido para os pais delegar uma parte da função de cuidado e educação dos filhos para as instituições.

Na busca de pesquisas que colaborassem no subsídio desse projeto, foi feito um levantamento na Biblioteca Virtual em Saúde e Psicologia nos meses de agosto e setembro de 2012. Foram acessados artigos nacionais indexados nas bases de dados Scielo,[4] Bvs[5] e Google acadêmico[6]. Utilizaram-se as palavras chave: Maternagem, Criança, Família e Educação Infantil. Dos artigos encontrados com esses descritores chave, foram selecionados 18. Essas pesquisas foram realizadas no período de 1999 a 2012, e foram consideradas como de interesse para a presente pesquisa por tratarem de questões da maternagem e a educação das crianças pequenas.

Relacionado ao papel do pai na maternagem das crianças, Romanelli (2003) afirma que a paternidade é um papel social e cultural e que difere de acordo com as regiões e classes sociais, e indica que na atualidade tem havido uma maior proximidade e participação do pai na vida dos filhos. Já em relação à maternidade, Moura e Araújo (2004), Tourinho (2006), Baptista (2003), assim como Stellin, Monteiro, Alburquerque e Marques (2011) verificaram em seus estudos que a maternidade também é um papel que é construído socialmente. Esses estudos propõem uma reflexão sobre a maternidade, sobre o mito de que o amor materno é algo natural, inato, instintivo e dotado de algo divino. Demonstram ainda as transformações do papel social de mãe, que vêm ocorrendo na contemporaneidade, indicando

[4] http://www.scielo.com.br
[5] http://regional.bvsalud.org
[6] http://scholar.google.com.br

um caminho para uma maior flexibilização e compartilhamento desse papel entre o feminino e o masculino, no âmbito privado da família, e no âmbito público da escola.

Sobre maternagem, Barbosa, Machado, Souza e Comin (2010), Cunha, Santos e Gonçalves (2012), Costa e Locatelli (2008) afirmam a importância de uma relação saudável mãe e bebê, para a constituição do psiquismo da criança. Já Ferranti (2002), inclui o educador na participação da constituição psíquica das crianças, e afirma que os professores tem ainda o objetivo ético de educar sujeitos para serem críticos e criativos.

Observe-se que o conceito maternagem expressa um papel de mulher conservador, e coloca a mãe como responsável por uma função que hoje sabidamente é mais ampla a outros cuidadores, como o pai e as creches, por exemplo. Contudo, não se busca o distanciamento desse conceito síntese aqui. Com base nele, busca-se reafirmar o ato fundamental na constituição de psiquismo de uma criança, que pode ser desenvolvido por qualquer pessoa, mas, que deve ser pensado nesse cenário moderno de cuidado que envolve mãe, pai, instituições de educação infantil e famílias. É utilizando esse conceito, mas sem deixar de problematiza-lo que se busca ampliar a responsabilidade sobre as crianças e de certo modo tirar esse "peso" do ombro das mulheres, até mesmo porque outras formas de maternagem compartilhadas já aconteceram no passado. Antes da família privada burguesa, as crianças eram cuidadas por todas as pessoas na comunidade. (BADINTER, 1985).

Sobre a Educacão Infantil, Mariotto (2007), Sayão (2005), Cerisara (1999), Kamers (2004) e Oliveira (2009), afirmam que é necessário refletir sobre o papel dos professores de Creche. Visando clareza da diferenciação do papel dos professores e da família na educação das crianças. Ainda, em relação ao compartilhamento da maternagem, Rapoport e Piccinini (2006), afirmam a importância do apoio social para mulheres que são mães, pois através desse apoio percebe-se que há uma tendência de aumentar a responsividade materna, beneficiando o bebê, a mãe, mas também a relação conjugal.

Assim, percebe-se que há uma grande necessidade de discutir essa temática, assim como há também uma grande lacuna de pesquisas que discutam o compartilhamento da maternagem entre pais e professores. Pais e professores têm exercido a tarefa da maternagem, mas podem estar distantes da ideia de que compartilham saberes, e estabelecem parcerias. Acredita-se que seja de suma importância modificar esse quadro, para que juntos pais e professores construam e trabalhem nesse projeto comum que é o de cuidar e educar as crianças pequenas.

2 MÉTODO

Esta pesquisa foi desenvolvida usando uma perspectiva qualitativa de análise que, segundo Minayo e Sanches (1993) é o tipo de pesquisa que aprofunda a complexidade dos fenômenos, fatos e processos particulares e específicos dos grupos sociais. Nessa pesquisa, a narrativa foi o material primordial da investigação. Ela revelou valores, crenças, hábitos, atitudes e opiniões. A fala tem e teve a "magia" de transmitir, através de um porta-voz, os entrevistados, as representações de um grupo de pessoas de uma determinada condição histórica, sócio-econômica e cultural específica.

A presente pesquisa também se caracterizou como exploratória, pois foi desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo, do fenômeno que se quis pesquisar. A pesquisa pretendeu trazer mais familiaridade ao problema, "compartilhamento da maternagem entre pais e professores de crianças de zero a três anos", e apontar novos delineamentos. Por se tratar de um assunto bastante amplo, e ainda pouco pesquisado o tipo de pesquisa exploratória se tornou mais adequada. (GIL, 1999).

Os participantes dessa pesquisa compreendem dois grupos: o primeiro, três professoras de educação infantil que trabalham com crianças de zero a três anos, numa associação de caráter educativo e de ensino, sem fins lucrativos, da grande Florianópolis; e o segundo, três pais ou mães responsáveis de crianças de zero a três anos dessa mesma instituição. O quadro a seguir indica alguns dados dos participantes da pesquisa.

Professores (P)								
	Sexo	**Idade**		**Formação**	**Tempo na instituição**		**Idade dos alunos/filhos**	
		20 a 30	30 a 40		1 a 5anos	5 a 10 anos	1 a 2 anos	2 a 3 anos
P1	F		X	Graduação e Pós-graduação		X		X
P2	F	X		Graduação e Pós-graduação	X		X	
P3	F	X		Graduação	X		X	
Pais (Pa)								
	Sexo	**Idade**		**Formação**	**Tempo na instituição**		**Idade dos alunos/filhos**	
		20 a 30	30 a 40		1 a 5	5 a 10	1 a 2 anos	2 a 3 anos
Pa 1	M		X	Graduando-se	X		X	
Pa 2	F		X	Ensino Médio	X			X
Pa 3	F		X	Graduação	X		X	

Fonte: Elaboração da autora.

Os equipamentos e materiais utilizados foram gravador digital portátil, além de caneta e papel assim como computador para transcrever as entrevistas e observações e impressora para imprimir o trabalho.

A coleta de dados foi realizada em duas salas da escola que foram cedidas pela coordenadora pedagógica, sala de artes e sala da coordenação. O ambiente foi tranquilo,

havendo privacidade para que a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa ficassem a vontade para conversarem sem serem interrompidos. Uma professora desejou ser entrevistada na sua casa, com dia e hora combinado.

Como técnica para coleta de dados foram utilizadas entrevistas, técnicas utilizadas em pesquisas sociais afim de obter dados através das falas e comportamentos dos atores sociais. As entrevistas foram do tipo semi-estruturadas, onde a pesquisadora se baseou num roteiro de perguntas previamente elaboradas, que serviram para orientar a conversa. O roteiro da entrevista está presente no apêndice C. (GIL, 1999; MINAYO, 2000).

A seleção de participantes foi realizada numa associação pedagógica da grande Florianópolis no mês de março, por meio de contato com a coordenação pedagógica da instituição, que intermediou o contato com os professores. Foram convidadas três professoras que trabalham com os grupos de crianças menores de três anos, com no mínimo dois anos de experiência na profissão. Em relação ao contato com pais, as professoras e a coordenadora pedagógica conversaram com os pais numa reunião do grupo das crianças onde expuseram a pesquisa e verificaram três famílias que tinham interesse em participar.

Antes de aplicar a coleta de dados, foi conversado com as professoras e os pais sobre os objetivos da pesquisa, sobre o sigilo e também sobre o tempo que duraria a entrevista. A coleta de dados foi realizada dentro dos moldes éticos, a pesquisadora leu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) e o Termo de Consentimento para gravações (APÊNDICE B), de acordo com a resolução CNS 196/96 do Conselho Nacional em Saúde (CNS), e foram recolhidas as assinaturas.

A organização dos dados ocorreu a partir das transcrições, na íntegra, da fala dos entrevistados, possibilitando a identificação de dados que respondam à pergunta de pesquisa que tinha como meta saber como pais e professores compartilham a maternagem de crianças de zero a três anos em uma associação de educação infantil da grande Florianópolis. A partir disso, a pesquisadora organizou os dados em categorias e subcategorias definidas a partir da fala dos entrevistados, onde se buscou a correspondência com os objetivos da pesquisa e compreensão a partir da perspectiva teórica. Essa organização pode ser visualizada de modo sintético nos quadros contidos no apêndice D dessa pesquisa.

Os dados foram analisados de acordo com os objetivos propostos para a pesquisa, bem como com o referencial teórico de sustentação da pesquisa. Na medida em que os dados foram sendo distribuídos nas categorias e subcategorias, procurou-se identificar as possíveis referências para posterior interpretação dos dados. Em seguida foi realizada a análise de conteúdo, essa técnica é a mais comumente utilizada para análise de dados qualitativos. Trata-

se de um método de interpretação onde o material de caráter qualitativo é decodificado para possibilitar a identificação dos dados que respondam a pergunta de pesquisa.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo são apresentados os dados da pesquisa, assim como a sua descrição e análise, que correspondentemente aos objetivos da pesquisa. Esse capítulo foi dividido em quatro subcapítulos intitulados: PAIS E PROFESSORES ATENDENDO AS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS; PAIS E PROFESSORES OFERECENDO ESTÍMULOS, AFETO E LIMITES; PAIS E PROFESSORES ESTABELECENDO PARCERIA ATRAVÉS DO DIÁLOGO E DO VÍNCULO, subcapítulos que correspondem aos objetivos propostos na pesquisa.

3.1PAIS E PROFESSORES ATENDENDO AS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS

Este subcapítulo contempla uma categoria e seis subcategorias de análise. Dessa forma, a partir da fala das famílias e das professoras entrevistadas abordou-se a maneira como pais e professores atendem as necessidades de maternagem das crianças, ou seja, como eles agem a partir das demandas das crianças. Essa primeira categoria intitula-se: **Identificação das necessidades das crianças**, ela se subdivide em seis subcategorias: *diálogo entre familiares e professores, diálogo com a criança, convívio afetivo, observação atenta, solicitação da criança, intensidade do choro* e *sentido do choro*.

As professoras entrevistadas afirmaram que quando iniciam o ano com o novo grupo de crianças, o diálogo entre familiares e professores é a primeira forma de conseguir identificar as necessidades delas, porque os pais dão dicas sobre como a criança se comporta e reage diante de aspectos como sono, fome, sede, dor, cansaço, saudade, etc.

> Acho que a primeira forma de identificar é pelo diálogo com a família que eles colocam como a família identifica o sono se elas choram se elas não choram. (P 2)[7].

[7] A fim de indicar a origem das falas foi utilizado a letra P para referenciar a fala das professoras e Pa para a fala dos pais.

> Essa semana ele estava doentinho, aí a gente relata que tem que ter o cuidado com ele que não está se alimentando bem, não almoçou ao meio dia. (Pa 3).

Percebe-se a importância do diálogo entre pais e professores de crianças pequenas nessa fase em que a oralidade está em desenvolvimento, mas também é importante que se estabeleça o diálogo com a criança que está aprendendo a se comunicar e colocar em palavras o que sente. Nesse sentido, acredita-se que a parceria entre pais e professores é fundamental nesse processo de decodificação da linguagem única e singular de cada criança, e possam como o adulto mais experiente, ajudá-las nesse desenvolvimento.

Na subcategoria denominada *Convívio Afetivo* tanto os pais como os professores entrevistados apontaram que o convívio com a criança também é fundamental, para que se consiga estabelecer uma relação de proximidade e afeto. É assim que se pode conhecê-la para, a partir disso, na relação, irem interpretando e atendendo de forma assertiva as necessidades de cada criança. Isso se ilustra nas falas a seguir:

> É também com o conhecimento que a gente vai tendo com o convívio aí tu consegue identificar se o choro é de manha, ou se tem alguma dorzinha, como ela se relaciona, com o convívio afetivo com elas vai nos propiciando esse conhecimento melhor. (P 2).

> É pelo convívio que a gente já tem a gente sabe da necessidade, o jeito que cada um se expressa, ou se está mais manhosinho, que aí tem a pecularidade de cada um. (Pa 3).

Percebe-se que há uma preocupação por parte dos pais e professores em atender de forma plena as necessidades das crianças. O que corrobora com o que Winnicott (2006) afirma ser importante, que as necessidades das crianças sejam reconhecidas e satisfeitas pelos adultos que cuidam delas, porque são essas experiências de satisfação que tornam o ambiente favorável para o seu desenvolvimento. Esses cuidados chamados pelo autor de maternagem ajudam a criança a crer que o ambiente é benigno e seguro, e a fazem alcançar a maturidade emocional. Ao entrar em contato com a realidade, e ter o adulto que o sustenta física e psiquicamente satisfazendo as suas necessidades, a criança e o seu eu nascente encontram pontos de referência estáveis que o ajudam no processo de integração.

A subcategoria denominada *Observação Atenta* apareceram na fala das professoras entrevistadas como algo importante e necessário para quem trabalha com crianças dessa faixa etária. Isso se exemplifica na fala de uma delas:

> Tu tens que ter um olhar muito atento aquela criança, se o choro, ou o dengo, ou o fato dela estar mais quietinha é normal ou se é uma febre ou uma dorzinha, ou um soninho ou se é fome, você tem que ter um olhar muito atento para essas crianças o tempo inteiro. (P 2).

Nessa fala percebemos que a observação é um instrumento utilizado pelas professoras no seu cotidiano, para conhecer o grupo de crianças, planejar e orientar a sua prática. Segundo Tristão (2004) a observação das crianças é a base para o planejamento das ações educativas que visam o respeito por cada uma das crianças, por suas singularidades e pelos sinais comunicativos que emitem.

Na subcategoria *Solicitação da criança* tanto os professores quanto os pais apontaram que a expressão corporal e a fala das crianças também indicam o que elas necessitam nos mais variados momentos. É possível ver isso nas falas de P 1 e Pa 2:

> Pela expressão, algumas crianças procuram o colinho, outras às vezes nem querem, mas a gente percebe que precisa se aproximar de um outro jeito, mas por essa relação de afetividade construída aos poucos a gente consegue chegar e perceber se um colinho basta ou então naquele momento um outro tipo de contato.(P 1).

> Duas formas que ela manifesta essa vontade dela, uma ela vem e me pede, sempre pede pra mim ou então ela vai deita no sofá e fica viradinha pro canto aí eu já sei que ela está querendo um colinho, atenção, talvez quer que brinque junto mesmo. (Pa 2).

Percebe-se nessas falas selecionadas que há uma disponibilidade para com a criança, tanto por parte dos pais quanto dos professores, que estão atentos vendo e ouvindo-as, e que acreditam que elas têm muito a lhes dizer sobre si mesma. Isso indica que há respeito por elas, e que estão sendo vistas como sujeitos de direitos, assim como prevê a Constituição Brasileira de 1988, onde pela primeira vez a criança foi tida como cidadã. (CERIZARA, 2002). Essa concepção de criança, sujeito de direitos, entende que ela é uma pessoa em

processo de desenvolvimento que possui potencialidades e como consta na LDB-1996, tem o direito de ter acesso a uma instituição educativa que não são:

> (…) simples espaços de guarda, mas também não podem ser apenas espaços de transmissão-apropriação de conhecimentos. Elas precisam ser espaços de viver, em que crianças se desenvolvam integralmente, na sua totalidade, como sujeitos de conhecimento, mas também como sujeitos corporais, sujeitos de afeto, de intuição, de sensibilidade. (TIRIBA, 1999 apud TIRIBA 2001, p. 74).

Intensidade do choro também é uma subcategoria que indica a comunicação de necessidades, tanto para pais como professores. Ressalta-se que o choro é uma das primeiras formas de linguagem das crianças percebida como importante. Sobre essa linguagem do bebê seguem trechos das falas de P 2 e Pa 2

> Há com certeza, tem o choro do dengo, tem um choro que não tem muito motivo que eles choram já te olhando pra ti dar um colo, tem um choro de dor que você percebe que é mais sentido que não tá legal, o choro de sono é algo que incomoda então eles ficam inquietos. No convívio diário você consegue perceber claramente as diferenças no choro deles. (P 2).

> O choro quando ela estava doente, era um tipo de choro assim mais alto quando era um soninho um chorinho assim mais dengosinho e quando era fome era um choro enorme abria a boca pra valer, colocava a boca no mundo. (Pa 2).

Choros mais fracos são geralmente interpretados pelos adultos como choro de manha, necessidade de ser trocado, desejo por atenção e colo. Já choros mais fortes, mais sentidos, estridentes, os adultos interpretaram que são na maioria das vezes de fome, dor, sono, cansaço ou birra diante de algo que foi negado à criança. Tanto os pais como os professores indicaram que percebem diferenças no choro das crianças pela sua intensidade, e que se utilizam dessa forma delas se expressarem para perceber o que precisam e desejam. Por isso, é possível afirmar que a criança demonstrar o seu desconforto e o seu descontentamento pelo choro, está relacionado ao que Winnicott (2006) chama de necessidades do corpo como alimentação, higiene, aquecimento, e necessidade de contato humano. Esse período de vida do bebê que vai dos seis meses aos dois anos, Winnicott chamou de dependência relativa, onde o bebê já desenvolveu a capacidade de emitir sinais em relação as suas necessidades. Assim, interagindo com o ambiente e amparado pelo apoio

materno e dos outros cuidadores, tendo as suas necessidades atendidas, o bebê se desenvolve numa trajetória rumo à independência. Portanto, é possível concluir que ter as suas necessidades atendidas leva à crescimento.

Na subcategoria denominada *Sentido do choro* tanto professores quanto os pais afirmam que, quando as crianças começam a chorar, procuram contextualizar para entender melhor a situação. Observa-se nas falas de P 1 e Pa 1:

> As famílias também relatam "ah não dormiu muito bem, ah está com saudade do pai que está viajando" é todo um contexto que precisa ser observado que dá subsídios pra entender. Não é só simplesmente essa relação, mas é todo um contexto que precisa ser analisado. (P 1).

> No meio da manhã se não dorme fica um estresse e aí chora, chora, fica uma manha, mas até conseguir descansar. (Pa 1).

Para interpretar o choro, pais e professores afirmam que costumam verificar o que aconteceu com a criança naquele momento, se ela caiu, ou se está no processo de adaptação na escola, ou ganhou um irmãozinho há pouco tempo, ou queria ter ficado em casa, pois tem visitas como avó, tios ou ainda o pai está viajando e a criança está com saudade, entre outras situações que as crianças vivenciam. Então se demonstra que há uma preocupação dos adultos em contextualizar a situação para melhor compreender o que está acontecendo com a criança.

Analisando as falas dos professores e pais, percebe-se que, para identificar e atender as necessidades das crianças, eles se utilizam de vários fatores que juntos colaboram para um melhor entendimento do que realmente a criança precisa. Dialogar entre eles e com as crianças, ter disponibilidade para estar com elas, conhecê-las, conviver afetivamente, observá-las, ouvi-las, trocar afetos, tudo isso é construído numa relação de proximidade e respeito com a criança. A partir disso, verificou-se nesses grupos entrevistados, que as crianças têm sido vistas, tanto pelas famílias, como pelos professores, como sujeitos de necessidades ainda bastante básicos que ambos se prontificam em atender, realizando a maternagem. Além disso, pais e professores reconhecem que as crianças também, são ativas no seu processo de desenvolvimento.

3.2 PAIS E PROFESSORES OFERECENDO ESTÍMULOS, AFETO E LIMITES

Este subcapítulo procurou identificar como pais e professores oferecem estímulos, afeto, e limites para as crianças, ou seja, como agem em direção às crianças e percebem a importância desses aspectos na constituição psíquica delas. O conteúdo foi dividido em quatro categorias **Estímulos, Limites, Afeto e Responsabilidade Social**. Na categoria **Estímulos** há cinco subcategorias intituladas: *Exploração do espaço, Vida coletiva, Socialização, Ampliação de experiências e Ampliação da linguagem*. Na categoria **Limites** há duas subcategorias: *Estímulo ao compartilhamento, Diálogo e combinados*. Na categoria **Afeto** há uma subcategoria chamada *Trocas afetivas*.

Na subcategoria denominada *Exploração do espaço* P 1 afirma:

> Então os bem pequenos precisam se adaptar a todo o espaço, a caminhar pela escola, explorar, ver o que tem, os estímulos sonoros. (P 1).

Conhecer e explorar todo o espaço da creche pode possibilitar à criança circular com maior autonomia, não dependendo tanto dos adultos e também possam escolher onde querem estar e brincar com seus pares. O desenvolvimento da autonomia é um dos princípios que deve nortear o trabalho na educação infantil apontado nas Diretrizes Curriculares da Educação Nacional. (CERIZARA, 2002).

Em relação à *Vida Coletiva* as professoras apontam sobre a importância de se aprender a viver em grupo. Pais afirmam que não saber dividir as coisas ou ter dificuldades para se relacionar com outras crianças é um fator que os incentivou a colocar a criança na instituição de educação infantil. Segue as falas de P 1 e Pa 1:

> Ele precisa aprender a compartilhar a dividir, várias coisas, os seus brinquedos, a professora, os seus pertences, então é um momento é uma fase em que eles precisam ir vendo que não é tudo meu, tem bem essa fase do egocentrismo nessa faixa etária, então aos poucos eles vão vendo dentro desse espaço como as coisas funcionam. (P 1).

> Eu a levava bastante no parque e ainda levo, pra socializar porque eu tinha medo dela ser muito tímida, de não querer ninguém ou de não querer que ninguém chegasse perto, ou não querer dividir as coisas, porque a gente acaba dando tudo o que essas crianças querem então eu me preocupo. (Pa 1).

Para muitas crianças dos grupos entrevistados essa é a primeira experiência num espaço coletivo então todos os aspectos relacionados à vida em grupo é muito novo e precisa ser gradativamente construído com eles numa relação de co-autoria.

A *Socialização* foi apontada tanto pelos pais como pelos professores como aspecto fundamental no desenvolvimento das crianças pequenas.

> Eu a levo muito para o parque porque é muito importante socializar estar com outras crianças é a fase em que eles estão aprendendo, estão descobrindo o mundo, então eles tem que estar em contato com outras crianças para aprender a dividir, estar junto é bom pra eles é bom pra gente, abre espaço pra ela fazer outras coisas que ela quer com outras crianças. (Pa 2).

Segundo Winnicott (2006), a dependência da criança se observa também em relação ao seu ingresso no mundo cultural do grupo social no qual está inserida. É a mãe ou outro adulto que cuida dela, que irá promover a inserção deste bebê no ambiente social, facilitando a sua comunicação e interlocução em um mundo ainda estranho e cheio de novidades. A partir do que foi exposto, fica evidente que pais e professores são importantes no processo de socialização das crianças, mas também é necessário enfatizar que as crianças têm um papel ativo em sua própria socialização, já que estão o tempo todo em interação com seus pares, com os adultos e com os signos e objetos da cultura. Suas aprendizagens e desenvolvimento ocorrem, portanto, na interação contínua entre os fatores internos e externos, a crianças apropriam-se da cultura assim como também a produzem.

As experiências externas dos indivíduos são consideradas tanto por Klein quanto por Winnicott como de extrema importância não só na infância, mas durante toda a vida dos indivíduos. A influência do ambiente tem uma curva decrescente, mas não cessa totalmente. Há o estabelecimento progressivo de uma interdependência entre a pessoa e o ambiente. Segundo Nasio (1995) foi justamente por meio do estudo da influência do ambiente, que Winnicott ampliou o campo de reflexão e aplicação da psicanálise. Na medida em que ele deixou de se preocupar com conflitos intrapsíquicos, para se dedicar ao estudo dos conflitos interpsíquicos, e das distorções psíquicas provocadas pelo ambiente patogênico, foi entendendo-o como aquele ambiente que não favorecia o desenvolvimento da criança por não satisfação das suas necessidades.

Em relação à *Ampliação de Experiências* tanto os pais como os professores afirmaram que promovem inúmeras atividades, jogos, brincadeiras e desafios com o objetivo de ampliar o repertório vivencial das crianças. Experiências sensório-motora, sócio-afetiva,

simbólica e cognitiva, são planejadas e oferecidas todos os dias para as crianças na instituição de educação infantil. Já os pais oferecem esses estímulos em horários que estão com as crianças à noite ou nos fins de semanas. Na fala de P 2 e Pa 3 é possível ver o oferecimento de estímulos diversificados:

> Tem as atividades com diferentes materiais, que utiliza diferentes texturas, pra que eles sintam cheiro, textura diferentes, eu uso muito pé descalço, pé descalço no pátio, pé descalço na grama, pé descalço na sala, para que eles tenham esse contato, com a terra também. (P 2).

> Aí já tem diversos brinquedos que estimulam coordenação, o A. desde pequeno já tinha joguinhos de montar até hoje antes de ele entrar nessa escola aqui, ele já tinha essa prática já tinha toda a coordenação. (Pa 3).

Tudo isso vai ao encontro do que Kramer (1999) afirma que devem ser as atividades e propostas para a educação infantil, atividades que devem favorecer a exploração, a descoberta, e a construção de noções sobre o mundo físico e social. Verifica-se nas falas das professoras que a ampliação de experiências é oferecida para as crianças de forma lúdica numa relação dinâmica e prazerosa de conhecer o mundo. Oferecendo para cada uma delas e para o grupo a possibilidade da manifestação e ampliação dos seus interesses e conhecimentos. (FREIRE, 1982).

Sobre *Ampliação da linguagem,* professores afirmam que oferecem momentos de histórias, músicas, rodas de conversas, brincadeiras com fantoches, instrumentos musicais, entre outras atividades, com o objetivo de ampliar a oralidade, o vocabulário, o faz-de-conta, a capacidade de concentração, enfim visando o desenvolvimento da linguagem e do pensamento infantil. Pais também oferecem estímulos para ampliação da linguagem das crianças, isso se ilustra na fala de Pa 1:

> Eu acho que desde pequenininha eu converso bastante, porque tem que conversar, cantar, brincar, deixar falar eu sempre peço para ela falar o que quer não só apontar, é água, bolacha, cantar, mostrar os livrinhos. (Pa 1).

Em relação a *limites* pais e professores afirmaram que consideram um aspecto muito importante nessa fase de desenvolvimento da criança, mas que percebem a relevância

dessa aprendizagem também para o futuro delas enquanto cidadãos. Ambos reconhecem que por vivermos numa sociedade se faz necessário ensinar a criança as regras do convívio social, e perceber que há o outro nessa relação. É possível ver isso nas falas de P 2 e Pa 1:

> Na vida nem tudo pode, há regras que precisam ser seguidas para o nosso convívio coletivo principalmente, não somos únicos no mundo vivemos numa sociedade, cada um tem o seu dever social e os seus direitos sociais também, então é preciso aprender desde cedo que você pode ter um espaço, mas que tem que respeitar o espaço do outro. (P 2).

> O limite é importante pra tudo na vida porque a gente não vai poder ter tudo e isso é desde já, então eu acho que é pra vida ter noção de que nem tudo o que ela quer ela pode, até para se relacionar com as crianças, sabe que não pode dar um tapa, ah eu quero aquela coisa vou pego e dou um tapa, então não é por aí, não é só para agora acho que é mais pra vida futura quando ela for independente. (Pa 1).

Em relação a *limites* Klein (1991) em seu texto *Nosso mundo adulto e suas raízes na infância*, afirma que ao lidar com as crianças, os adultos devem buscar o equilíbrio entre o excesso e a falta de disciplina. A educação excessivamente disciplinadora pode levar a criança a ser reprimida, em contrapartida a tolerância excessiva dos pais também é prejudicial. No seu trabalho com as crianças e suas famílias, a autora constatou que, no passado, as crianças eram vítimas da disciplina rigorosa imposta por seus pais, mas tal condição vem mudando, quando no já no terceiro quartil do século XX, pais passaram a se tornar vítimas dos seus filhos pela sua permissividade. Nenhum dos extremos parece atender a necessidade da criança. Segundo a autora é necessário oferecer restrições a elas, ao agir dessa forma os pais dão segurança e propiciam que as crianças desenvolvam o respeito e a consideração por eles e posteriormente, pelas outras pessoas. A autora ainda afirma que quando os pais se submetem as crianças sob a "total livre expressão" não oferecendo limites, sentirão adiante ressentimentos que irão influenciar de forma negativa a sua relação com a criança. Na sua obra Melanie Klein fala de limites se referindo aos pais, mas entende-se que no modelo atual essa função passa a ser atribuída tanto aos pais quanto aos professores, já que ambos são responsáveis pela educação e cuidado das crianças.

Ainda sobre limites Freud (1923, apud Spitz, 2004), estava ciente que a frustração impulsiona a criança a ser mais ativa nas suas relações com o mundo exterior e alcançar gradativamente à autonomia. As frustrações a que ele se referia eram as que são consideradas naturais durante o processo de educação das crianças, que só poderiam ser evitadas por permissividade. Diante do que foi explicitado, concluí-se que os pais e professores percebem

a importância dos limites na vida das crianças, e que, mesmo que seja por vezes desagradável causar a frustração, é necessária para o desenvolvimento dela. A partir disso, as crianças obtêm referências e segurança para poder se relacionar com o mundo de uma forma adequada, com independência, respeito a si mesmo, ao outro e à natureza.

O *Afeto* é um aspecto visto por todos os adultos sujeitos dessa pesquisa como fundamental, na relação com a criança pequena, seja dentro da instituição na relação professor-educando como no âmbito familiar pais-filhos. Ao serem questionados sobre afetividade P 1 e Pa 3 responderam:

> A relação além de todas as outras dimensões tem que ser baseada na afetividade principalmente com essa faixa etária, precisa do colinho, a gente precisa identificar de onde vem o choro, como é a relação dela com a família, como é a relação dela com as outras crianças e com a gente mesmo, então a relação de afetividade é a base. (P 1).

> Quando a gente senta e dá atenção que eles querem ou merecem, porque aí tu chegas e fica com eles, e bota no colo pra brincar, as vezes no quarto tem um cantinho de brinquedo aí fica junto e brinca com eles e dá aquele aconchego. (Pa 3).

Segundo Wallon (1978 apud Borba, 2005), a afetividade é um fator fundamental na constituição do sujeito. É a primeira manifestação do psiquismo entendida como um instrumento de sobrevivência do ser humano, já que é através da emoção que o bebê se comunica com seu cuidador e estabelece relação. Sobre isso, Dantas (1992 apud Borba 2005) afirma ser, a afetividade, uma das dimensões da pessoa. No início da vida a afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas com predomínio da primeira. Dessa forma, o ser humano é um ser afetivo desde o seu nascimento e gradativamente, essa afetividade vai diferenciando-se em vida racional. Evidencia-se que a afetividade está sempre presente nas experiências vividas pelos seres humanos e na relação com o outro, tudo indica que esse aspecto tem sido reconhecido como importante, tanto por pais como por professores, e tem norteado as relações deles com as crianças, na perspectiva do cumprimento da maternagem.

Ainda sobre afetos Wallon (1978 apud Borba 2005), afirma que a criança necessita também negar e opor-se ao adulto, por isso, durante essa fase em que elas estão se subjetivando os afetos positivos - carinho, alegria, ganhar colo, ser ouvida, respeitada, valorizada - assim como os entendidos como negativos - raiva, tristeza, ciúme, inveja, dor - são importantes e fazem parte do processo de constituição dos sujeitos. Nesse sentido

percebe-se que o adulto que cuida da criança tem um papel fundamental, ele pode oferecer um ambiente favorável à expressão das crianças ou um ambiente desfavorável. Pensando no bem estar da criança, o papel do adulto pode ser o de mediador, através do olhar atento e disponível à manifestação de afetos delas, pode ajudá-la a compreender e nomear os seus sentimentos, e isso é importante no processo de constituição e desenvolvimento da criança.

Encontrou-se tanto nas falas dos pais como na dos professores que as situações do dia-a-dia, tarefas corriqueiras de cuidado - higiene, vestimenta, alimentação, sono - e educação – conversas, jogos, brincadeiras, histórias, cantigas - das crianças são os momentos em que eles estabelecem com elas trocas afetivas. Para Winnicott (2006), os cuidados que os adultos empregam com as crianças é uma forma de amar, talvez seja a única forma de nos primeiros tempos de vida demonstrar amor.

É importante ressaltar que desde o nascimento na família, e desde o seu ingresso na instituição de Educação Infantil, as crianças realizam interações e trocas afetivas entre elas e com os adultos. Sobre afetos Klein (1991) enfatiza, que no cuidado e atendimento das necessidades das crianças oferecido pelos cuidadores, pode-se desenvolver nas crianças a capacidade de amar e ter gratidão, assim como ao oferecer limites a elas pode-se desenvolver nelas consideração e respeito, por si, pelo outro e pela natureza.

Diante de tudo o que foi exposto foi possível constatar que, na perspectiva da maternagem, além de terem suas necessidades de cuidado atendidas por pais e professores, as crianças também recebem inúmeros estímulos: se socializam, brincam, aprendem a viver em grupo, a compartilhar, ampliam as experiências sensoriais, cognitivas, afetivas, de linguagem, recebem limites, entre outros. E através de todos esses estímulos, situações e interações pais e professores tem construído um ambiente favorável para que as crianças se constituam psiquicamente, construam conhecimentos, sua identidade, e se desenvolvam rumo à autonomia e independência.

3.3 PAIS E PROFESSORES ESTABELECENDO PARCERIA ATRAVÉS DO DIÁLOGO E DO VÍNCULO

Este capítulo pretende demonstrar como pais e professores têm se comunicado sobre o cotidiano das crianças, ou seja, como estabelecem o vínculo e a parceria na educação e no cuidado das crianças pequenas. Para tanto, na categoria **Comunicação Direta,** foram criadas quatro subcategorias intituladas: *Diálogo do Cotidiano*, *Reuniões com os pais*,

Conversa Pontual e *Atividades com as famílias fora da Escola*. Sobre **Vínculos entre pais e professores,** há quatro subcategorias: *Diferenciação de papéis*, *Falta de clareza espaço educativo*, *Relação de confiança* e *Responsabilidade*.

Pais e professores concordam que *diálogo do cotidiano* é de extrema importância no processo de compartilhamento da educação e cuidado das crianças. Os pais afirmam que gostam muito de ter esse canal aberto, de poder entrar na instituição e diariamente conversar sobre os filhos com as professoras, e que isso os tranquiliza. Isso pode ser visto na fala de Pa 1:

> Eu acho que é bem bom, bem meu estilo de ser eu acho essa liberdade de comunicação, eu falo muito eu já chego perguntando, porque se eu tivesse que marcar hora para falar com todo mundo eu acho que eu não marcaria com ninguém, eu gosto desse jeito de entrar no portão e já está a coordenadora ali, ou a professora e eu já pergunto é muito bom, essa abertura que dá eu acho que a gente sente uma tranquilidade maior. (Pa 1).

Os professores afirmam que essa abertura para o diálogo com os pais é fundamental, o que indica que a disponibilidade para a troca entre eles faz parte do trabalho da educação e cuidado da criança pequena. Esse contato direto e pessoal é estimulado pela instituição, em detrimento de outras práticas mais impessoais como recados na agenda. Ainda sobre o diálogo e a troca, os professores afirmam que essa é uma relação que não está dada e precisa ser construída entre eles e as famílias no dia-a-dia, isso se ilustra nas falas de P 1 e Pa2:

> Aos poucos as famílias vão mantendo essa relação de diálogo que é o que a gente privilegia aqui, não você escrever pra família, mas manter esse contato olho no olho com ela, e aos poucos a família vai mantendo tornando isso da prática da família também, de chegar para conversar, explicar. (P 2).

> Tenho que corrigir isso aí, eu estou me achando distante das professoras da minha filha, eu chego venho super apressada, pergunto rapidamente como foi o dia dela, se comeu se foi no banheiro sozinha e tal e pego ela e vou, eu não converso muito talvez é um pouco de vergonha e também a pressa do dia a dia. (Pa 2).

Para Oliveira (et al. 1992), propor a abertura das instituições de educação infantil é reconhecer que esse é um dos contextos de desenvolvimento da criança, compartilhando com a família a educação e o cuidado delas. Claro que nesse compartilhamento pode haver sucessos e dificuldades, que são consideradas naturais nas interações humanas. Inclusive a fala de Pa 2, citada antes, demonstra que a abertura não é suficiente para o diálogo efetivo

acontecer entre pais e professores, o que indica que há outros fatores também que precisam ser considerados como por exemplo: desinibição para se relacionar e disponibilidade de tempo.

Em relação às *Reuniões com os pais*, as professoras afirmam que a instituição promove de dois a três encontros por semestre com os pais sem as crianças, com o objetivo de dialogar sobre os combinados da escola, projeto de trabalho do grupo, sobre questões específicas, assim como para envolver os pais para que participem do projeto que as crianças estão vivenciando. Sobre esses momentos P 1 e Pa 1 afirmam:

> As reuniões pedagógicas geralmente são temáticas a gente faz uma no inicio do ano para apresentar o planejamento, no início de março a gente falou da rotina, o dia do brinquedo, a roda que tem todos os dias, o que é o dia coletivo, a gente dá um apanhado geral pras famílias do que as crianças vivem diariamente na escola. Tem situações que acontecem nessa faixa etária que é a mordida, por exemplo, então a gente traz um texto, com um autor que fale sobre isso para poder amparar a discussão. (P 1).

> Mas eu gostei de falar do lanche coletivo, porque cada um expôs o que gosta ou não, não é que eu seja natureba, mas tem certas coisas que eu não gosto, tipo esses pães artificiais, coisas assim é bom a gente falar." (Pa 1).

As professoras relataram que, quando há necessidade de conversar sobre um assunto mais específico de uma criança, se chama os pais para uma <u>*Conversa pontual*</u>. Isso não foi citado pelos pais porque eles ainda não viveram essa experiência. Segue o exemplo dado por P 2:

> Aconteceu na minha sala de uma criança estar batendo muito. Então fui conversar com a mãe e ela me disse: "olha eu estou numa situação difícil com meu marido acho que ela está presenciando essas situações pode ser que seja isso". (P 2).

Percebe-se que a <u>*conversa pontual*</u> pode auxiliar tanto os pais quanto as professoras a terem mais elementos para entenderem o que está acontecendo com a criança, e possam junto refletirem e combinarem estratégias para ajudá-la, acolhê-la e mediá-la nas relações dela com os objetos, o conhecimento, e com as pessoas, ajudando-a nas resoluções de conflitos.

<u>*Atividades fora da escola*</u> foram apontadas pelas professoras como uma estratégia utilizada por elas para se aproximarem das famílias, conhecê-las em outros ambientes,

fortalecer o vínculo entre professora/criança, professora/família, família/família e criança/criança.

> A gente também propõem passeios no final de semana junto com as famílias exatamente pra propor essa interação entre as famílias e entre a gente professores, então fica um clima bem gostoso onde a gente pode conversar sem problemas sobre situações que acontecem. Essas reuniões que a gente tem fora também acontecem duas ou três vezes também, geralmente antes ou depois das férias porque dá uma saudadezinha e também pra conversar sobre o que aconteceu nas férias sem ser no ambiente da escola. (P 3).

Segundo Oliveira (et al. 1992) a não abertura da creche às famílias costuma causar muitos conflitos como: cobranças, desconfianças, ciúme, rivalidade. Esses conflitos, além de criar um clima desagradável entre pais e professores, acabam prejudicando as crianças. Por isso, propõem-se a partir desse estudo, que se realizem novas pesquisas para ampliar e discutir a temática do compartilhamento da maternagem em outros contextos sociais, como instituições da rede pública e rede privada. Já que o cuidado e educação das crianças pequenas tem se dado nas famílias e nas instituições de educação infantil.

Dessa forma, evidencia-se que uma boa relação entre professores e famílias colabora para o bom desenvolvimento da criança, o que traz tranquilidade e segurança para ela que circula nos dois ambientes: casa e instituição de educação infantil. Além disso, as suas referências afetivas são os adultos que cuidam dela e se houver problemas entre eles como ficará a criança? Provavelmente essa relação será truncada e vai afetar a criança de forma negativa nas suas interações e no seu desenvolvimento.

Os encontros diários na hora de entrada e saída das crianças, os encontros dos professores com as famílias fora da escola, somados aos encontros realizados nas reuniões bimestrais são momentos ricos que servem para estreitar a relação tão importante e delicada das famílias com as professoras e com a instituição. Isso vai ao encontro ao que Tiriba (2001, p. 65 e 66) afirma que “a qualidade das interações humanas exige tempo de encontro, espaço para narrativas, para a brincadeira, para a troca de afeto e o aprendizado de valores cada vez mais raros na vida urbana contemporânea”.

Na categoria **vínculo entre pais e professores,** tanto os pais como as professoras entrevistadas consideram importante estabelecer vínculos entre si, e construir uma relação baseada no respeito, no diálogo, no companheirismo, na troca. Professoras relataram que é preciso ter limite nessa relação, para que nenhuma das partes interfira no papel do outro.

> As famílias querem manter o controle daquilo que está sendo feito com as crianças, nesse sentido muitas vezes a parceria tem que ter o limite, você tem que dizer "oh você pode contar comigo, mas no trabalho pedagógico os pais podem sugerir, mas o que será feito ou não quem vai decidir sou eu junto com a coordenação". (P 2).

Oliveira (et al. 1992) também afirmam que a participação das famílias na creche precisa ter limites de horários e espaços, para que o objetivo principal da instituição que é atender bem as crianças em suas necessidades não seja prejudicado. Nesse sentido ela sugere que a participação das famílias seja incluída no planejamento de atividades da instituição, para preparar os professores e os pais para ter sucesso nessa iniciativa. Lembrando ainda que cada família tem sua especificidade e sua forma particular de se relacionar com a instituição.

Professores apontaram também que, na relação com os pais, é fundamental que haja *diferenciação de papéis*. Sobre isso, Oliveira (et al. 1992) ressalta que as professoras precisam se posicionar como profissional na relação com a família, e não como alguém que vai substituir a mãe na sua ausência. Mães e professoras têm função e importância diferente na vida da criança, e as crianças sabem disso tanto que se comportam de maneira diferente na relação com a mãe e com a professora. Tristão (2004) afirma que o papel do professor de educação infantil é caracterizado pela intencionalidade das suas ações. Ao encontro disso Cerizara (1997) aponta que a creche não é escola, mas também não é a casa das crianças. É um espaço que requer um trabalho educativo, planejado, cujos objetivos principais são a socialização, o desenvolvimento infantil, a ampliação das relações interpessoais das crianças com a própria cultura, com o conhecimento, sem que isso se torne um processo de escolarização. Sobre isso P 1 afirma:

> A gente tem toda a nossa função pedagógica de ensino aprendizagem apesar de isso estar ligado com os cuidados de higiene, alimentação, não só por causa da faixa etária, mas porque eles são crianças e precisam de cuidados, e a gente faz essa relação com esse cuidado. Então é fundamental ter bem claro qual é o papel de cada um porque a gente não está aqui para substituir a mãe, mas a gente pensa que é só as famílias que não tem clareza, mas não, há algumas práticas que revelam que as próprias professoras acham que são babás daquelas crianças e não tem a parte pedagógica bem clara, da função do seu trabalho. (P 1).

Os professores planejam, organizam os espaços, conduzem as interações, brincadeiras e as aprendizagens de forma sistematizada, já que têm uma formação específica

para atuar como tal. Tem no cuidado e educação das crianças pequenas o objetivo principal da sua profissão. Os pais cuidam e educam os filhos de forma mais espontânea, usam referências da sua própria educação, e também do que observam, lêem e aprendem sobre educação e cuidado no convívio em sociedade. Mas não é possível negar que, ambos servem como modelo de interação e comunicação para as crianças, e participam da constituição do seu psiquismo. Sobre isso P2 afirma:

> Ela vai estar se baseando em você para algumas coisas, você as percebe falando com os bebês do jeito que a gente fala com elas, então em todos os momentos você tem que cuidar o que fala, e tem que ter uma intencionalidade nas atividades e nas brincadeiras que você propõe. (P 2).

Para Cerizara (1997), a dificuldade ainda existente da *diferenciação dos papéis*, é em função da instituição de educação infantil, transitar entre o espaço público (escola/professora) e o espaço doméstico (casa/mãe), havendo ambiguidade entre a função materna e a função docente. Ser professora de creche supõe integrar esses espaços e esses papéis, correspondendo ao cuidado e educação da criança pequena. Essa integração parece ser um desafio para os profissionais da educação infantil, porém, percebe-se nas falas das professoras entrevistadas que nesta instituição já é algo que acontece cotidianamente.

Por outro lado, ainda em relação a **vínculos entre pais e professores,** foi apontado por professoras que a *falta de clareza do espaço educativo* é um dificultador na vinculação entre as famílias e os professores. Não havendo clareza por parte das famílias da especificidade do trabalho docente, eles acabam por cobrar dos professores um atendimento que ultrapassa os limites do que é possível oferecer no espaço coletivo. Isso é ilustrado na fala dessa professora:

> Então a maior dificuldade com essa faixa etária é essa, tem família que acha que eu tenho que dar a mesma atenção que tem em casa que ela é uma só e tem babá inteiramente pra ela, ou a própria mãe, ou a avó, no caso de muitas que são cuidadas pelas avós, então aqueles mesmo cuidados que ela tem em casa vai ter aqui, isso dificulta quando não se entende que num espaço coletivo a gente se organiza para receber, para dar segurança enfim, mas algumas coisas vão acontecer por ser um espaço coletivo, como por exemplo, as mordidas. (P 1).

Em relação à *diferenciação dos papéis* e *falta de clareza do espaço educativo*, os professores parecem apontar que há uma necessidade de se debater mais com os pais sobre

papéis e sobre educação e cuidado no espaço coletivo, já que essas funções não parecem estar tão claras assim para as famílias. Supõe-se, que o debate e a possível clarificação do papel do professor nesse espaço de educação coletiva possam colaborar para que haja uma boa relação e um compartilhamento maior da maternagem entre os pais e os professores.

É evidente que as crianças devem receber na instituição de educação infantil aquilo que necessitam para se desenvolver, mas esses cuidados, estímulos, afetos e interações ocorrerão no compartilhamento entre os adultos e as crianças dentro do grupo. Ser um grupo supõe ter vida coletiva, aprender a falar, a ouvir, esperar, dividir, compartilhar, negociar nesse espaço que é dela e também de todos do grupo.

Para que haja **vínculo entre pais e professores,** e uma relação de co-responsabilidade do cuidado e educação das crianças pequenas, fica claro que é preciso construir uma *relação de confiança* entre essas duas esferas, família e instituição. Sobre isso P 2 afirmou:

> O vínculo afetivo com as famílias é muito grande. Tanto que as famílias do ano passado eu mantenho um vínculo fora da escola porque você cria uma proximidade muito grande com aquela família, é o teu filho, o primeiro contato com a escola, contigo, tem que cortar o cordão umbilical para ir trabalhar, como se faz isso? Se o professor não te passar segurança, se o professor não passar tranquilidade de que o teu filho vai ser bem cuidado se você mostrar também que ele está sendo educado, eu posso ter falado do peso da responsabilidade, mas também é muito bom. (P 2).

Segundo Oliveira (et al. 1992), na educação infantil, o professor torna-se uma pessoa muito próxima, das crianças e de suas famílias, mas não se caracteriza nem como membro da família nem como colega de trabalho. A família, por sua vez, também tem um contato diário com o professor, faz vínculos, mas reconhece que ele não faz parte da sua família. Mas, quando existe disponibilidade, constroem junto uma relação cheia de detalhes, intimidades e emoções, e estão ligados num afeto comum que é a criança, e a creche acaba sendo o lugar de expressão.

Ainda em relação ao compartilhamento da maternagem Cerizara (2003), aponta o termo maternagem social para definir o papel da professora de educação infantil. Esta pode ser entendida como uma "nova atriz social", que está no processo de construção da sua identidade profissional, se diferenciando do papel da mãe e da maternagem exercida pela família, e também se diferenciando do magistério exercido pelo professor do ensino fundamental. Com a maternagem social, a educação infantil tem as suas especificidades, e não é sua função substituir a mãe e nem preparar a criança para o ensino fundamental.

Sobre **Responsabilidade,** pais e professores consideram que educar e cuidar da criança pequena são tarefas de muita responsabilidade, pois estão sobre os seus cuidados vidas em formação. É possível ver isso nas falas que seguem de P1 e Pa 2:

> É uma responsabilidade muito grande tem que estar atenta a tudo com os bem pequenos, porque coloca tudo na boca, engatinha pra todo lado, se pendura, quer subir nas coisas, na mesa, no armário enfim, essa estrutura precisa ser pensada, e não é uma responsabilidade só de quem está com a criança professora e auxiliar, é uma responsabilidade de toda a escola, que precisa se preparar para receber essas crianças. (P 1).

> Uma mistura de sentimentos é o sentimento de responsabilidade, porque a mãe vai ser sempre a mais responsável a que mais cuida, e tenta proteger mais, eu sinto como se tivesse a responsabilidade maior que o meu marido. Insegurança não sei se estou fazendo certo se estou fazendo o melhor pra ela ou não, desgastante porque tem fases que eu estou estressada demais, porque são três anos dedicados a ela e a casa, e ao marido meio que deixei a minha vida de lado, deixei o trabalho, os amigos a vida social. (Pa 2).

Quando as crianças estão em casa, ou na instituição de educação infantil pais e professores são as referências de cuidado e educação para elas, são eles que as acolhem, dão colo, os auxiliam na alimentação e higiene, assim como na construção de conhecimentos e autonomia. Eles são os adultos mais experientes que estão ali com a criança para sustê-la, ou dar sustentação tanto física quanto psíquica. O que consiste em dar "esteio" ao seu bebê, colocá-lo em contato com a realidade de modo que o eu nascente encontre pontos de referência simples e estáveis, necessários para que ele conclua o seu trabalho de integração. (NASIO, 1995). Vale lembrar que o cuidado aqui referido envolve uma boa equação entre estabilidade e instabilidade, pois a estabilidade proposta por Winnicott, evidentemente não pode ser oferecida integralmente, pois há sempre conflitos e tensões no processo de maternagem.

Winnicott (2006) afirma que a falta de capacidade de identificar e atender as necessidades das crianças, assim como a falta de capacidade de sustentação do bebê, pode levar a uma deficiência na integração do eu ou uma desintegração. Essa falha é para o indivíduo em desenvolvimento algo intolerável, que pode gerar uma ansiedade inconcebível. “Desintegração, cair para sempre, não ter conexão alguma com o corpo, carecer de orientação, pode-se reconhecer que essas são especificamente a essência das ansiedades psicóticas […]” (WINNICOTT, 1983, p. 57). É importante destacar que, assim como, não atender as necessidades da criança é problemático para o seu desenvolvimento, atendê-la o tempo todo

também não é adequado. O excesso de atendimento pode levar à dependência e imaturidade, a falta também leva a crescimento e autonomia, mas como já fora dito há que haver uma equação entre necessidade e atendimento. É necessário que se tenha um saldo de satisfação maior e de insatisfação menor, para que a constituição do psiquismo se dê de forma saudável rumando à independência.

Diante dessas constatações de Winnicott (2006), faz-se necessário reconhecer a grande responsabilidade de pais e professores no cuidado e educação das crianças pequenas. É importante reconhecer também que a constituição do psiquismo infantil, assim como sua saúde mental, depende dos cuidados de maternagem que as crianças recebem nos seus primeiros anos de vida.

Ainda relacionado à **responsabilidade** os professores salientam a necessidade de terem *comprometimento com sua profissão,* na medida em que seu trabalho lhes exige ações como planejar, registrar o dia-a-dia com as crianças, refletir sobre a sua prática, fazer supervisão com a coordenação pedagógica e paralela a isso pesquisar, e se atualizar:

Acredita-se que o que foi possível constatar entre os professores e pais entrevistados, é que eles tem se esforçado para ter um bom relacionamento, construindo uma relação baseada no diálogo, no estabelecimento de vínculos afetivos, no respeito, e na diferenciação de papéis. Evidenciou-se que há entre eles uma colaboração mútua, uma parceria, uma "divisão" de responsabilidades nesse objetivo comum que é o de educar e cuidar das crianças pequenas.

Em especial professores, tem uma reflexão maior sobre o papel que lhes cabe na maternagem das crianças em sua interrelação como os papéis educativos, o que por vezes, tem diferenças na consideração dos pais, que parecem dar maior ênfase nas questões referentes ao cuidado - bem estar físico, higiene, alimentação, sono - do que nos aspectos educativos.

Nesse sentido, considera-se: será que isso acontece porque os pais imaginam que essa é uma função primordial da creche? Com isso, percebe-se a importância de se discutir sobre papéis de professores e de pais, porque esses papéis não estão prontos, há necessidade de serem construídos e refletidos no dia-a-dia com as crianças e os adultos envolvidos. Propõe-se que essas discussões aconteçam nas instituições de educação infantil, em reuniões planejadas para tal finalidade, já que é esse o lugar onde pais e professores se encontram, para dividir a responsabilidade pela maternagem das crianças pequenas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse início do século XX, a mulher tem acumulado papéis como o de mãe, esposa, dona de casa, profissional. Percebe-se que o trabalho no meio público passa a fazer parte da vida da mulher, assim como preocupações por busca de qualificação e investimentos na carreira. Nesse cenário, as instituições de educação infantil assumem um papel fundamental, pois além delas oferecerem um ambiente adequado para as crianças estarem com seus pares, elas propiciam à mulher a possibilidade delas terem uma vida profissional. Dessa forma percebe-se que o cuidado e a educação das crianças pequenas tem sido de corresponsabilidade entre as famílias e as instituições de educação infantil.

Sendo assim, a presente pesquisa teve o objetivo de caracterizar como tem acontecido o compartilhamento da maternagem de crianças de zero à três anos entre pais e professores. O conceito de maternagem foi extraído da obra de Winnicott, que dá indicativos do que uma criança precisa por parte dos seus cuidadores para se constituir enquanto pessoa. Em relação a isso, os resultados indicam que entre os pais e professores entrevistados acontece o compartilhamento da maternagem. Ambos indicam que esse compartilhamento é construído no dia-a-dia na relação entre eles, as crianças, e os demais profissionais da instituição de educação infantil, e acontece principalmente através do diálogo do cotidiano e das trocas em relação as necessidades, aprendizagens e dificuldades das crianças. Para Carvalho (1992 apud, Oliveira 1995, p. 55), "compartilhar algo é tê-lo em comum com o outro." Nesse caso constatou-se que pais e professores estão estabelecendo parceria nesse projeto que é comum, o de educar e cuidar das crianças pequenas para que vivam uma infância plena e se desenvolvam.

Em relação ao objetivo específico *identificar como pais e professores atendem as necessidades de maternagem das crianças,* ficou evidente na pesquisa que, no ambiente coletivo da instituição os professores, e no ambiente doméstico e social os pais, realizam a maternagem atendendo às necessidades de alimentação, higiene, aquecimento, colo, afeto, linguagem, interação, entre outras. Essas necessidades são identificadas por eles através de várias estratégias que no dia-a-dia os auxiliam nessa tarefa como: o diálogo entre pais e professores, diálogo com as crianças, convívio afetivo, observação atenta e pela intensidade e sentido do choro. Sobre aspectos cognitivos, afetivos e sociais os professores apontaram que oferecem cotidianamente estímulos variados como: exploração do espaço, vida coletiva, socialização, ampliação de experiências e ampliação da linguagem, esses estímulos são planejados por eles e integrados as atividades de cuidado compõe o que consideram ser função primordial da educação infantil, o que vai ao encontro o que a lei e a literatura indicam. Em relação a isso os pais apontaram que utilizam jogos, livros, brinquedos,

fantoches para oferecer estímulos às crianças como: ampliação de experiências e ampliação de linguagem. Socialização também foi um estímulo citado por eles como considerado importante e que procuram oferecer as crianças levando-as aos parques, peças de teatro, cinemas e a escola.

Constatou-se que limites e afeto também são oferecidos às crianças por pais e professores como aspectos fundamentais para o crescimento delas. Tanto pais como professores indicaram que oferecer limites, é importante para que a criança tenha um bom convívio com seus pares e com os adultos, e também para sua vida futura. Para Klein (1991), oferecer limites significa desenvolver nas crianças segurança, consideração, e respeito por si e pelas outras pessoas. Segundo a autora não é possível educar crianças e evitar que se frustrem, pois a frustração é necessária para que elas possam aprender a suportar frustrações, e diante de desapontamentos na vida possam se recuperar e não reagir com hostilidade.

Em relação ao objetivo *de identificar como pais e professores se comunicam sobre o cotidiano das crianças na creche*, foi possível perceber que há uma preocupação da instituição e dos professores em manter com os pais um canal aberto de comunicação. Foi apontado pelos professores entrevistados que eles priorizam na relação com as famílias, o contato pessoal e o diálogo. Dessa forma, as interações e trocas sobre as crianças e seu desenvolvimento, sobre as especificidades da faixa etária, e também sobre o projeto de trabalho do grupo, se dá entre eles no diálogo do cotidiano, nas reuniões bimestrais, em conversas pontuais, e ainda através de atividades planejadas com as famílias fora da escola. Pais e professores concordam que essa abertura para o diálogo facilita o estabelecimento de vínculos, e consequentemente de uma relação de confiança, que parece ser de fundamental importância para que o compartilhamento da maternagem aconteça, e as crianças se beneficiem ao ter nos seus cuidadores referências positivas. Fica evidente que tanto pais como professores são importantes cada um no seu papel na vida da criança, e juntos podem garantir que ela se desenvolva de forma saudável e plena, e tenha acesso a uma infância de direitos, recheada de afeto, respeito, trocas, brincadeiras e aprendizagens.

Sobre o objetivo *identificar como pais e professores percebem a importância da maternagem na constituição psíquica das crianças*, foi possível constatar que ambos percebem a grande responsabilidade que é educar e cuidar das crianças pequenas por elas estarem em formação. Destaca-se que a constituição do psiquismo infantil assim como sua saúde mental depende dos cuidados de maternagem que as crianças recebem nos seus primeiros anos de vida. Assim, nota-se que é necessário discutir esses assuntos com pais e professores para que de fato as crianças recebam deles, o que necessitam para se desenvolver

de forma plena e saudável. Nesse sentido, pensando em aplicação técnica do conhecimento obtido na pesquisa, vê-se que psicólogos podem contribuir utilizando as teorias que a embasam, assim como de suas vivências com crianças e famílias para trabalhar esses temas em palestras nas escolas e cursos de formação para pais e professores.

Sobre o objetivo *identificar como tem sido para os pais delegar uma parte da função de cuidado e educação dos filhos para as instituições*, os pais afirmaram que de maneira geral essa foi para eles uma tarefa muito tranquila. Um pai indicou que do primeiro filho havia por parte da mãe da criança uma insegurança, um medo que a criança não fosse bem cuidada, mas que na medida em que ela foi percebendo que ele estava se desenvolvendo bem isso foi se dissipando. Outra mãe relatou que a maternidade é desgastante, e que se sente muitas vezes cansada fisicamente e emocionalmente, e nesse sentido a instituição a ajudou por dividir a tarefa da maternagem com ela, e durante o tempo em que a criança está na instituição, ela tem um tempo para si, o que vai ao encontro ao que Raport e Piccinini (2006) destacam em um artigo a importância do apoio social para as mães.

A pesquisadora não encontrou grandes dificuldades em realizar a pesquisa. A partir de tudo o que foi discutido, propõe-se novas pesquisas para identificar como tem acontecido o compartilhamento da maternagem em outros contextos sociais como em creches públicas e particulares da grande Florianópolis. Visto que, evidencia-se que o compartilhamento não é algo que está dado, precisa ser discutido e construído no cotidiano entre as famílias e as instituições. A instituição pesquisada é uma associação pedagógica de pais e professores sem fins lucrativos, e como não tem berçário não foi possível entrevistar pais e professores de crianças com menos de um ano de idade, o que seria bem interessante, e poderia relacionar com os dados obtidos nessa pesquisa.

Sugerem-se também pesquisas que discutam relação de gênero no cuidado e educação da criança pequena, já que se percebe que ainda há quem acredite que essas são tarefas exclusivamente femininas, desconsiderando que é uma atividade que pode ser aprendida e realizada por qualquer pessoa que tenha disposição para tal independente do seu sexo ou escolha sexual.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima; MOURA, Solange M.S.R. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psi.ciência.prof.** v. 24, n.1. Brasília, 2004.

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, E. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Fabiela Aparecida et al . Significados do cuidado materno em mães de crianças pequenas. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 33, dez. 2010 . Disponível em<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782010000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 out. 2012.

BAPTISTA, Valéria Ferranti. Amar, cuidar, subjetivar: _ implicações na primeira infância. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 8, n. 15, jun. 2003 . Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282003000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 out. 2012.

BATISTA, Rosa. **A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido.** Florianópolis, SC Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

BORBA. Valdinéa R. S. SPAZZIANI, Maria de Lourdes, Afetividade no contexto da educação infantil. **GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos** / n.07. 2005.

CARTER, Beth; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Educadoras de creches: entre o feminino e o profissional**. 1997. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

_____Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? **Perspectiva:** Florianópolis, v. 17, n. Especial, p. 11 - 21, jul./dez. 1999.

_____Em busca da identidade das profissionais de educação infantil.(2003). http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educar/educacao-infantil/artigos/em%20busca%20da%20identidade%20das%20profissionais....pdf

CELERI, ELOISA HELENA R. V. A mãe devotada e seu bebê. **Coleção Memória da psicanálise: Winnicott**, v. 5. São Paulo: Duetto editorial, 2009.

COSTA, Paulo José da; LOCATELLI, Bárbara Moreira do Espírito Santo. O processo de amamentação e suas implicações para a mãe e seu bebê. **Mental**, Barbacena, v. 6, n. 10, jun. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-

44272008000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 out. 2012.

CUNHA, Ana Cristina Barros da; SANTOS, Carmelita; GONCALVES, Raquel Menezes. Concepções sobre maternidade, parto e amamentação em grupo de gestantes. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, abr. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 out. 2012.

DIDONET, Vital. Creche: a que veio para onde vai. **Em Aberto**, Brasília. V.18, n.73 p. 11-27, jul. 2001.

FERRANTI, Valéria. O infans, a creche e a psicanálise. an. 3 col. **Lepsi Ip/FE** – USP, 2002.

FONSECA, Claudia.Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. **Saúde e Sociedade** v.14, n.2, p.50-59, maio-ago 2005.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo.** São Paulo, 2003. Paz e Terra.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e. Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas. 1999 .

GORAYEB, Raul. O observador engajado. **Coleção Memória da psicanálise: Winnicott**, v. 5. São Paulo: Duetto editorial, 2009.

KAMERS, Michele. Do universal da maternagem ao singular da função materna: reflexões acerca da educação primordial. **Pulsional -revista de psicanálise**. São Paulo, p. 38-45 ano XVII N. 180, 2004.

KLEIN, Melanie. **Inveja e Gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago. 1991.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 2003.

KUHLMANN Jr., Moysés. Fundação Carlos Chagas. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 14, Mai/Jun/Jul/Ago 2000.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil (1899-1922). **Cad. Pesqui**., São Paulo, n. 78, agosto 1991 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741991000300002&lng=es&nrm=iso>. Acessado n 17 out. 2012.

MACEDO, Rosa Maria. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? **Cad. Pesq.**, São Paulo, n.91, p. 62-68, nov. 1994.

MARIOTTO, Rosa Maria Marini. **A Função do educador de creche no desenvolvimento e na subjetivação de bebês.** PUC/PR. 2007

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ**., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

NASIO, J. D. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____ **Os grandes casos de psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

OLIVEIRA, Rosmari Pereira de. Tocar e trocar... o corpo, o afeto, a aprendizagem: uma experiência de formação continuada em um Centro de Educação Infantil. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 17, n. 15, dez. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542009000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 out. 2012.

OLIVEIRA. Zilma de Moraes Ramos (org). **A criança e seu desenvolvimento: perspectiva para se discutir a educação infantil.** São Paulo: Cortez, 1995.

_____ (org). **Creches: crianças faz de conta & Cia.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

RAPORT. A, Piccinini CA. Apoio social e experiência da maternidade. **Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum.** 2006;16(1):85-96.

RIBAS, Adriana F. Paes; RIBAS JUNIOR, Rodolfo de Castro; VALENTE, Andréa Araújo. Bem-estar emocional de mães e pais e o exercício do papel parental: uma investigação empírica. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 16, n. 3, dez. 2006 . Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 out. 2012

ROMANELLI, Geraldo. Paternidade em família de camadas médias. **Est. pesq. psi.** vol 3, n. 2, Rio de Janeiro, 2003.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche.** Florianópolis, 2005. (Tese) Universidade Federal de Santa Catarina.

SPITZ, René A. **O primeiro ano de vida.** São Paulo: Martins Fontes. 2004.

STELLIN, Regina Maria Ramos et al . Procesamiento de la construcción de maternidad femineidad y maternidad: recursos psíquicos para que una mujer sea madre. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 16, n. 1, jun. 2011 . Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282011000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 out. 2012.

TIRIBA, Léa. Pensando mais uma vez e reinventando as relações entre creches e famílias. In: GARCIA, Regina Leite; FILHO, Aristeo Leite (Orgs.). **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TOURINHO, Julia. A mãe perfeita: idealização e realidade.. **IGT na Rede,** Brasília, DF, 3.5, 29 08 2006. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/revistas/seer/ojs/viewarticle.php?id=24>. Acesso em: 17 10 2012.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de Bebês: um estudo de caso em uma creche conveniada.** Florianópolis, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

VIEIRA, Lívia Maria Fraga. Mal necessário: creches no departamento nacional da criança (1940-1970). **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 67, nov. 1988. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741988000400001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 out. 2012.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Art med, 2007.

_____ **Os bebês e suas mães.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL

Cep.contato@unisul.br (48) 3279.1036

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESLCARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa que tem como título "O compartilhamento da maternagem de crianças de zero a dois anos entre pais e professores". O objetivo dessa pesquisa é Identificar como pais e professores compartilham a maternagem das crianças de zero a dois anos. Entendendo a maternagem como a ação que leva a constituição da dimensão psicológica do indivíduo, que se dá pelos cuidados realizados pelos adultos que suprem as necessidades de alimentação, higiene, afeto, socialização e educação das crianças pequenas.

Realizar esta pesquisa é relevante, pois nesse início de século XXI a grande maioria das mulheres trabalham fora de casa, e diante desse quadro cada vez mais as famílias tem tido a necessidade de dividir a responsabilidade do cuidado das crianças pequenas com as creches.

A entrevista será conduzida de modo que se possa verificar como vocês pais e professores se comunicam em relação as situações das crianças que são relevantes. E como partilham os saberes e a responsabilidade do cuidado dos pequenos. A entrevista será gravada, a duração poderá ser de 30 a 50 minutos. Será realizada numa sala da escola em que se possa ficar à vontade. Após a entrevista a pesquisadora realizará a transcrição da gravação, registrando fielmente o que for dito na entrevista.

Vocês não são obrigados a responderem todas as perguntas e poderão desistir de participar da pesquisa antes, durante, ou após ter aceitado participar, bem como após a entrevista ter sido realizada, sem que haja prejuízo por esta decisão. Caso vocês venham a sentir algum desconforto durante ou após a entrevista, vocês poderão comunicar à pesquisadora para que ela possa lhe auxiliar.

Caso queiram alguma informação sobre a pesquisa, a pesquisadora estará à disposição para fornecer as informações. Esse pedido poderá ser feito pessoalmente, antes ou durante a entrevista, e também depois dela, por telefone, a partir dos contatos da pesquisadora que estão no final desse documento. Todos os dados de identificação serão mantidos em sigilo. A identidade de vocês não será revelada em nenhum momento. Os dados dessa pesquisa poderão ser utilizados para publicações em eventos e artigos científicos, mas caso seja necessário, a pesquisadora se utilizará de nomes fictícios, para que sua identidade seja preservada.

É importante lembrar que a participação de vocês é voluntária, o que significa que vocês não serão remunerados por participar desta pesquisa.

Eu,_____, conforme assino a baixo, concordo em participar desse estudo como sujeito. Estou ciente das informações, pois, fui informado e esclarecido pela pesquisadora Patrícia da Silva sobre o tema e o objetivo da pesquisa, bem como a sua relevância e sua condução. Fui garantido de que posso retirar meu consentimento quando quiser, em qualquer momento da pesquisa sem que isso possa me prejudicar.

Nome por extenso: _____

RG: _____

Local e Data: _____

Assinatura: _____

Ana Maria Pereira Lopes _____

Pesquisadora Responsável

Patrícia da Silva _____

Pesquisadora

Telefone para contato: (48) 99611437 -

patiberbela@yahoo.com.br

APÊNDICE B –Termo de consentimento para gravações

_____

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL

CONSENTIMENTO PARA GRAVAÇÕES

Eu _____

participante da pesquisa intitulada “Como pais e professores compartilham a maternagem de crianças de zero a dois anos” permito que os pesquisadores relacionados abaixo obtenham:

( ) gravação de voz,

de minha pessoa para fins de pesquisa científica, médica e/ou educacional.Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma. As gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do sujeito da pesquisa e/ou paciente: ———————————————————

_____

RG:

Endereço: ———————————————————

Assinatura: _____

Nomes completos dos pesquisadores: Ana Maria Pereira Lopes
Patrícia da Silva

Telefones dos pesquisadores: (48) – 99611437

Data e Local onde será realizada a pesquisa: _____

Adaptado de: Hospitala de Clinicas de Porto Alegre/ UFRGS.

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista

Identificação do entrevistado	
Nome:	
Idade:	Idade do filho ou dos alunos:
Quanto tempo exerce a profissão ou quanto tempo tem o filho na instituição:	

Formação: Local de Trabalho:
Perguntas 1- Como no dia a dia você identifica as necessidades da criança? 2- Você percebe diferenças no choro da criança? De que maneira? 3- Como você percebe que a criança está com necessidade de contato, colo e afeto? 4- Quais os tipos de estímulos que vocês oferecem que são necessários para o desenvolvimento das crianças? 5- Em que momentos você percebe que está transmitindo afeto para a criança? 6- Em que momentos você percebe que está desenvolvendo aspectos cognitivos, afetivos e de interação social nas crianças? 7- Em que momentos e de que forma você percebe que está oferecendo limites para as crianças? Pra você que sentido tem isso? 8- Como é pra você ter a responsabilidade de cuidar e educar crianças pequenas, já que envolve vidas em formação? Que sentimentos você tem? 9- Como você avalia que é a comunicação entre as famílias e os professores? 10- Existem momentos planejados para professores e famílias discutirem assuntos relevantes da Infância e da faixa etária das crianças? Como isso acontece? 11- Qual sua avaliação sobre o vínculo e parceria na educação das crianças entre a creche e os professores? 12- Há algum aspecto que você considera que facilite ou dificulte essa parceria? 13- Como é pra você delegar uma parte dos cuidados do seu filho aos professores? Que sentimentos você tem?

APÊNDICE D – Quadros de categorias e subcategorias

Categoria: **IDENTIFICAÇÃO DAS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS**

Subcategorias	
Professores	Pais/mães
Diálogo entre familiares e professores	**Diálogo com as crianças**
Convívio Afetivo	**Convívio Afetivo**
Observação atenta	

Solicitação da criança	**Solicitação da criança**
Intensidade do Choro	**Intensidade do Choro**
Sentido do choro	**Sentido do choro**

Categoria: **ESTÍMULOS**

Subcategorias	
Professores	Pais/mães
Vida Coletiva	
Socialização	**Socialização**
Ampliação de experiências	**Ampliação de experiências**
Ampliação da linguagem	**Ampliação da linguagem**

Categoria: **LIMITES**

Subcategorias	
Professores	Pais/mães
Diálogo e combinados	**Diálogo e combinados**
Estímulo ao compartilhamento	

Categoria: **COMUNICAÇÃO DIRETA**

Subcategorias	
Professores	Pais/mães
Diálogo do cotidiano	**Diálogo do cotidiano**
Conversa pontual	
Reuniões com os pais	**Reuniões com os professores**
Atividades com as famílias fora da escola	

Categoria: **VÍNCULO ENTRE PAIS E PROFESSORES**

Subcategorias	
Diferenciação de papéis	
Relação de confiança	**Relação de confiança**
Falta de clareza espaço educativo	
Responsabilidade	**Responsabilidade**